

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra, 1973-

C541L

O livro branco perdido [recurso eletrônico] / Cassandra Clare, Wesley Chu ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2021.
recurso digital (As maldições ancestrais ; 2)

Tradução de: The lost book of the white

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-270-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Chu, Wesley. II. Kohnert, Mariana. III. Título.

21-69507

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original em inglês:

The lost book of the white

Copyright © 2020 by Cassandra Clare, LLC

Leitura Sensível: IdrisBR

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21)2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11960-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para Steve

— C.C.

Para Paula, Hunter e River

Para a família

— W.C.

E os anjos que não guardaram seus postos, mas abandonaram sua morada, ele os tem guardado em trevas, presos a correntes eternas até o juízo do grande dia.

— Judas 1:6

Sumário

Prólogo

Parte Um

1. O ferrão do sono
2. Entre ar e anjos
3. Um breve adeus

Parte Dois

4. Lugares celestiais
5. O tabuleiro de xadrez
6. Tian
7. Casa Ke
8. Sombra e luz do sol
9. O Palácio Celestial
10. A Impermanência Preta e Branca

Parte Três

11. O Primeiro Tribunal
12. Cabeça de Boi e Cara de Cavalo
13. A Serpente do Jardim
14. Queda certa
15. A Senhora de Edom
16. O penacho da fênix

17. Heibai Wuchang

18. Avici

19. O caminho sem fim

20. A alma da Clave

Epílogo

Agradecimentos

Um conto especial com Tessa E Jem.

Prólogo

Idris, 2007

O alvorecer ainda se instalava quando Magnus Bane cavalgou até a clareira baixa pensando na morte. Nos últimos tempos, ele raramente ia até Idris — aquele amontoado de Caçadores de Sombras o deixava tenso —, mas tinha de admitir que o Anjo de fato escolhera um belo lugar para o lar dos Nephilim. O ar era fresco e alpino, frio e limpo. Nas encostas do vale, pinheiros farfalhavam afavelmente uns contra os outros. Idris sabia ser intensa às vezes, sombria, gótica e cheia de agouros, mas aquele bolsão em especial parecia algo saído de um conto de fadas alemão. Talvez por isso, embora houvesse tantos Caçadores de Sombras por todos os lados, seu amigo Ragnor Fell tivesse optado por construir sua casa ali.

Ragnor não era uma pessoa alegre, mas, inexplicavelmente, construía uma casa alegre. Era um chalé baixo de pedra, com telhado pontiagudo de palha de centeio. Magnus sabia muito bem que Ragnor havia teletransportado aquela palha diretamente de uma taverna em North Yorkshire, para a consternação dos clientes.

Conforme ele trotava a montaria até o leito do vale, sentia os problemas do presente se dissiparem. No alto do vale, tudo estava terrível. Valentim Morgenstern vinha se esforçando muito para dar início a uma guerra tão desejada, e Magnus estava muito mais envolvido nela do que gostaria. Mas havia um rapaz, com aqueles

olhos azuis bem difíceis de descrever.

Por um momento, no entanto, seriam apenas Magnus e Ragnor novamente, assim como tantas outras vezes. E então ele teria de lidar com o mundo e seus respectivos problemas, os quais chegariam em breve na forma de Clary Fairchild.

Magnus acomodou o cavalo atrás da casa e tentou abrir a porta da frente, que estava destrancada e se escancarou ao seu leve toque. O feiticeiro presumira que encontraria o amigo ocupado com uma xícara de chá ou lendo um livro volumoso, mas, em vez disso, Ragnor estava em pleno ato de destruição da própria sala de estar. Segurava uma cadeira de madeira acima da cabeça, em algum tipo de frenesi.

— Ragnor? — chamou Magnus, e, em resposta, Ragnor atirou a cadeira contra a parede de pedra, espatifando-a. — Cheguei em má hora? — berrou Magnus.

Ragnor então pareceu notar a presença de Magnus, e estendeu um dedo, como se estivesse pedindo ao outro que aguardasse um momentinho. Então, com grande determinação, caminhou até a cômoda abaulada do outro lado da sala e foi puxando cada uma das gavetas, em sequência, permitindo que caíssem e se arreventassem no piso com um estrondo de metal e porcelana. A seguir, ele se aprumou, endireitou os ombros e se virou para Magnus.

— Seus olhos estão insanos, Ragnor — disse Magnus, com cautela.

Estava acostumado a ver Ragnor como um cavalheiro relativamente elegante, bem-vestido, com a pele verde apresentando um brilho saudável e os chifres brancos que brotavam da testa e se curvavam para trás polidos a ponto de brilhar. O estado do sujeito teria soado péssimo aos olhos de qualquer um, mas, em se tratando de Ragnor, era muito, *muito* mau sinal. Ele parecia perdido, o olhar percorrendo a sala como se estivesse tentando surpreender um invasor à espreita. Sem preâmbulos, ele disse, em voz alta e clara:

— Conhece a expressão *sub specie aeternitatis*?

Magnus não sabia muito bem o que esperava ouvir de Ragnor em

meio àquele cenário, mas certamente não era nada parecido com aquela pergunta.

— Algo como “as coisas como realmente são”? Embora essa não seja a tradução literal, é claro. — Aquela conversa já havia descarrilado completamente.

— Sim — respondeu Ragnor. — Sim. Significa, da perspectiva daquilo que é de fato verdade, real e verdadeiramente verdade. Não as ilusões que vemos, que fingimos serem reais, mas coisas despidas de todas as ilusões. Spinoza. — Depois de um momento, ele acrescentou com cuidado: — Aquele homem *bebia*. Mas era muito bom polidor de lentes.

— Não faço ideia do que você está falando — disse Magnus.

O foco de Ragnor subitamente retornou e ele encarou os olhos de Magnus sem sequer piscar.

— Sabe o que é a existência, *sub specie aeternitatis*? Não nosso mundo, nem mesmo os mundos que conhecemos, mas o todo de tudo? Eu sei.

— Você sabe — replicou Magnus.

Ragnor não desviou o olhar.

— São *demônios* — disse ele. — É o *mal*. É o caos até o fim, um caldeirão fervilhante de intenções malevolentes.

Magnus suspirou. O amigo anda meio depressivo. Acontecia com feiticeiros às vezes; o absurdo do universo de algum modo se tornava simultaneamente mais e menos engraçado conforme a vida deles se estendiam para muito além da vida de qualquer mundano. Aquele era um caminho perigoso para Ragnor.

— Mas algumas coisas são legais, não são? — Magnus tentava pensar nas coisas preferidas de Ragnor. — O nascer do sol sobre Fujiyama? Uma boa e velha garrafa de Tokay? Aquele lugar onde costumávamos tomar café em Haia, que vinha em uns dedais minúsculos e saía queimando até chegar ao estômago? — Ele pensou mais um pouco. — O jeito como um albatroz fica desajeitado ao

aterrissar na água?

Ragnor, por fim, piscou, muitas vezes seguidas, e então se jogou na poltrona de estofado xadrez atrás de si.

— Não estou deprimido, Magnus.

— É claro — disse Magnus —, puro niilismo existencial, esse é o bom e velho Ragnor.

— Fui alcançado, Magnus. Por tudo. Agora o chefe está atrás de mim. O maior sujeito. Bem, o segundo maior.

— Ainda é um sujeito bem grande — concordou Magnus. — Isso é por causa de Valentim? Porque...

— Valentim! — disparou Ragnor. — Assuntos idiotas de Caçadores de Sombras. Não tenho paciência para isso. Mas o momento é ideal. Para eu sumir. Qualquer coisa ruim acontecendo em Idris agora provavelmente tem a ver com esse assunto todo dos Instrumentos Mortais. Não tem motivo para os agentes da *real* ameaça questionarem.

Magnus estava ficando farto.

— Quer me contar o que está havendo, já que você pediu que eu viesse até aqui? Você mencionou que era um assunto de extrema urgência. Podemos tomar uma xícara de chá, ou você já quebrou a chaleira?

Ragnor se inclinou para Magnus.

— Estou *forjando minha própria morte*, Magnus.

Ele riu, antes de se virar e passar por uma porta para dar prosseguimento, supôs Magnus, ao processo de redecação. Com relutância, Magnus o acompanhou.

— Pelos céus, por quê? — gritou ele para as costas de Ragnor.

— Não sei o motivo agora — gritou Ragnor de volta —, mas um bando deles está retornando. Não é possível matá-los, sabe, só dá para enviá-los para longe por um tempo, mas então eles voltam. Ah, sim, e como voltam.

Magnus estava começando a se perguntar se Ragnor finalmente

perdera a cabeça.

— Quem?

Ragnor subitamente apareceu bem ao lado de Magnus, emergindo do que Magnus pensou ser um armário, mas que agora percebia ser um corredor.

— Ele pergunta “quem” — repetiu Ragnor sarcasticamente, e, por um momento, soou como seu eu de sempre. — De quem estamos falando? Demônios! Demônios Maiores! Que nome. Por que deixamos que eles se nomeassem? Não são tão maiores assim.

— Você andou bebendo? — indagou Magnus.

— A vida toda — respondeu Ragnor. — Deixe-me dizer um nome. Você me diz se significa alguma coisa.

— Vá em frente.

— Asmodeus.

— Querido papai — disse Magnus.

— Belphegor.

— Sujeitinho viscoso — respondeu Magnus. — Aonde vamos com isso? Algum deles está atrás de você?

— Lilith.

Magnus inspirou entre os dentes trincados. Se Lilith estava atrás de Ragnor, boa coisa não era.

— Mãe dos demônios. Amante de Samael.

— Certo. — Os olhos de Ragnor brilharam. — Não ela. *Ele*.

— Samael? — perguntou Magnus, rindo. — Sem chance.

— Sim — confirmou Ragnor, com o tipo de entonação que fez Magnus perceber, com pesar, que Ragnor não estava brincando.

— Posso me sentar? — perguntou Magnus.

Eles se refugiaram em meio às ruínas no quarto de Ragnor. Ele conseguira partir até a estrutura da cama ao meio, um feito bastante impressionante. Magnus se sentou no tampo milagrosamente intacto de uma mesinha. Ragnor caminhava de um lado a outro.

— Samael, como todos sabem, está morto — disse Magnus. — Ele fez alguma coisa que permitiu que os demônios entrassem em nosso mundo, e então ele foi morto, dizem que pela Taxiarquia...

— Você sabe que não é possível matar Samael — disparou Ragnor impacientemente. — Demônios muito inferiores a ele retornam em algum momento. Era certo que ele voltaria. E agora voltou.

— Tudo bem — raciocinou Magnus —, mas não entendo o que isso tem a ver com você. Quero dizer, tirando o fato de que tem a ver com todos nós. Não, por favor, não arremesse nenhuma mobília antes de explicar a história toda.

Ragnor baixou as mãos, e uma luminária de chão que estava girando languidamente em direção ao teto desabou no chão com um clangor.

— Ele está procurando por mim. Não sei por que, mas posso imaginar.

— Espere — disse Magnus, o cérebro começando a captar. — Se Samael está de volta, por que ele não está, tipo, destruindo tudo?

— Ele não voltou por inteiro. Não consegue passar muito tempo em nosso mundo, então ainda está flutuando por aí, numa espécie de vazio. Acho que ele quer que eu encontre um mundo para ele.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Um mundo?

Ragnor assentiu.

— Um mundo de demônio. Uma das outras dimensões no aglomerado de bolhas de sabão que é nossa realidade. Ele estará muito fraco no início. Vai precisar de energia para reunir força, reunir magia. Se puder encontrar um mundo para reivindicar, poderá transformá-lo em um tipo de dínamo para o próprio poder. E eu, Ragnor Fell, sou o maior especialista da existência em magia dimensional.

— E o mais humilde. Por que ele não procura o próprio mundo sozinho?

— Ah, ele provavelmente encontraria em algum momento. Provavelmente tem procurado durante esse tempo todo. Mas o tempo dos demônios não é igual ao dos humanos. Ou mesmo dos feiticeiros. Pode levar mais centenas de anos até que ele retorne. Ou pode ser amanhã. — Ragnor parou de falar. No canto, uma lixeira tombou lentamente e esparramou seu conteúdo nas tábuas irregulares do piso.

— Então você vai forjar a própria morte. Isso não parece... precipitado?

— Você entende — rugiu Ragnor — como seria se Samael recuperasse toda sua grandeza? Se ele voltasse para Lilith, e os dois unissem seus poderes? Seria guerra, Magnus. Guerra na Terra. Destruição total. O fim das garrafas de Tokay! O fim dos albatrozes!

— E quanto a outras aves marinhas?

Ragnor suspirou e se sentou ao lado de Magnus.

— Preciso me esconder. Preciso fazer Samael pensar que fui para um lugar onde ninguém pode me achar. Ragnor Fell, o especialista em magia dimensional, precisa sumir para sempre.

Magnus processou aquilo por um momento. Então se levantou e saiu do quarto para observar a devastação que Ragnor causara na sala de estar. Gostava daquela casa. Por mais de cem anos, aquele fora como seu segundo lar. Ragnor fora seu amigo, seu mentor, por muitos anos mais antes disso. Sentia-se triste e irritado. Sem se virar, Magnus disse:

— Como farei para encontrar você?

— Eu vou encontrar você — disse Ragnor —, não importa qual seja minha nova persona. Você vai me reconhecer.

— Poderíamos ter uma senha — falou Magnus.

— A senha — disse Ragnor — vai ser a história da primeira noite que você, Magnus Bane, bebeu o *slivovice*, a palavra em tcheco para o *brandy* de ameixa do Leste Europeu. Creio que você chegou até a cantarolar uma composição própria naquela noite.

— Talvez seja melhor a gente esquecer esse negócio de senha —

falou Magnus. — Talvez você possa dar uma piscadela como um sinal ou algo assim.

Ragnor deu de ombros.

— Não devo demorar a me restabelecer. Estou decidindo quem eu deveria ser. Enfim, se não há mais nada...

— Há, sim — disse Magnus, que se virou e notou que Ragnor havia se afastado da escrivaninha e se juntado a ele na sala de estar. — Preciso do Livro Branco — pediu em voz baixa.

Ragnor começou a rir e então se entregou a uma gargalhada um tanto sincera. Deu um tapinha nas costas de Magnus.

— Magnus Bane — disse o feiticeiro. — Você continua a me afogar nas intrigas do Submundo até meu forjado último suspiro. Por que, por que você sequer precisaria do Livro Branco agora?

Magnus se virou para encará-lo.

— Preciso acordar Jocelyn Fairchild.

Ragnor gargalhou de novo.

— Incrível. Incrível! Não só precisa do Livro Branco, como precisa encontrá-lo antes de Valentim Morgenstern. Minha amizade com você sempre foi uma rica tapeçaria de enredos terríveis, Magnus. Acho que vou sentir falta dela. — Ele sorriu. — Está na mansão Wayland. Na biblioteca, dentro de outro livro.

— Está escondido na *antiga casa de Valentim*?

Ragnor deu um sorriso ainda mais largo.

— Jocelyn o escondeu lá. Dentro de um livro de receitas. *Receitas simples para donas de casa*, acho que é esse o nome. Mulher notável. Dedo podre para marido. Enfim, vou embora. — Voltou-se em direção à porta.

— Espere. — Magnus o seguiu e tropeçou no que se revelou uma estátua de macaco esculpida em latão. — Neste momento a filha de Jocelyn está vindo para perguntar a você sobre o livro.

As sobrancelhas de Ragnor se ergueram.

— Bem, não posso ajudá-la. Estou morto. Você vai ter de dar a

notícia a ela. — Ele se virou para ir embora.

— Espere — repetiu Magnus. — Como, hã... como você morreu?

— Morto pelos brutamontes de Valentim, obviamente — respondeu Ragnor. — Por isso estou fazendo isso agora.

— Obviamente — murmurou Magnus.

— Eles estavam procurando pelo Livro Branco. Houve uma briga; acabei morto. — Ragnor pareceu impaciente. — Preciso fazer tudo por você? Aqui. — Ele passou por Magnus, pisando duro, apontou para a parede dos fundos com o indicador esquerdo e começou a escrever com uma letra incandescente na língua abissal. — Vou *escrever na parede* para você não esquecer.

— Sêrio? Abissal?

— Eu... fui... morto... pelos... capangas... de Valentim... porque... eles... — Ele parou e olhou para Magnus. — Você jamais treinou seu abissal, Magnus. Este será um bom exercício para você. — O feiticeiro se voltou para a parede de novo e continuou a escrever. — Agora... eu... estou... morto... ah... não. — Pronto. Bem fácil para você.

— Espere — disse Magnus pela terceira vez, porém não tinha nada para perguntar. Ele pegou um frasco de vidro aleatório, caído sobre a cornija da lareira. — Não vai levar seu... — olhou para o rótulo e ergueu uma sobrancelha para Ragnor — polidor de chifres?

— Meus chifres vão ter de ficar sem polimento — disse Ragnor. — Saia do caminho, estou forjando minha morte agora.

— Eu não sabia que era preciso polir os chifres.

— É, sim. Ou, pelo menos, deveria ser. Quando se tem chifres. Se não quiser que eles pareçam sujos e malcuidados. Estou partindo, Magnus.

Por fim, a compostura de Magnus se desfez.

— Você precisa mesmo ir? — questionou, soando como uma criança petulante aos próprios ouvidos. — Isso é loucura, Ragnor. Você não precisa *morrer* para se proteger. Podemos falar com o Labirinto Espiral. Não precisa lidar com isso sozinho. Você tem

amigos! Amigos poderosos! Como eu!

Ragnor olhou para Magnus por um bom tempo. Por fim, se aproximou e, com grande seriedade, deu um abraço no amigo. Magnus se deu conta de que talvez aquele fosse o quinto ou sexto abraço deles em centenas de anos de amizade. Ragnor não era muito afeito ao contato físico.

— O problema é meu e eu vou resolvê-lo — falou Ragnor. — Minha dignidade exige isso.

— O que estou dizendo — falou Magnus — é que não *precisa*.

Ragnor se afastou e o fitou com tristeza.

— Preciso, sim. — Então se virou para ir embora.

Magnus olhou para as letras ardentes na parede, se apagando até a invisibilidade.

— Não sei por que estou fazendo tanto alarde — disse ele. — Você adora um drama. Veremos se essa coisa de “forjar a morte” dura uma semana, até você se entediar e voltar ao meu apartamento com seu tabuleiro de crokinole.

Ragnor riu e sumiu sem mais uma palavra.

Magnus ficou parado por um bom tempo, encarando o espaço vazio onde Ragnor estivera. Seu antigo mentor não levara bagagem, nem uma muda de roupas ou escova de dentes. Simplesmente sumira do mundo.

A porta da frente permaneceu aberta, como Ragnor a deixara. Parecia mais adequado ao cenário que ele estava tentando retratar, mas o gesto corroeu Magnus como uma ferida, e, depois de um instante, ele a fechou com cuidado.

Nas ruínas da cozinha de Ragnor, Magnus encontrou um enorme cachimbo de argila, e nas ruínas do banheiro, um vidro de uma rara folha seca, de origem idrisiana, muito popular como fumo entre os Caçadores de Sombras quando o próprio Magnus era criança, centenas de anos atrás. Por Ragnor, pelos velhos tempos, ele acendeu o cachimbo e o tragou pensativamente.

Pela janela, Magnus flagrou as passadas firmes dos cavalos de Clary Fairchild e Sebastian Verlac conforme eles iam descendo até a clareira para encontrá-lo.

Parte Um

Nova York

1

O ferrão do sono

Setembro de 2010

Era tarde e, até um momento atrás, tudo estava silencioso. Magnus Bane, Alto Feiticeiro do Brooklyn, estava sentado na sala de estar de casa, em sua poltrona preferida, um livro aberto com as páginas voltadas para o colo, observando o chacoalhar do trinco da janela da cobertura. Durante a última semana, alguém vinha cutucando e testando as proteções mágicas de seu apartamento. Agora, pelo visto, tinham resolvido fazê-lo mais incisivamente.

Magnus considerou aquela decisão deles um tanto tola. Para começo de conversa, feiticeiros costumavam ficar acordados até tarde. E, além disso, ele morava com um Caçador de Sombras — que no momento tinha saído para patrulhar, é verdade, mas Magnus era perfeitamente capaz de se defender, mesmo de pijama. Ele apertou o cinto do roupão de seda preta e agitou os dedos diante do corpo, sentindo a mágica se acumular neles.

Magnus refletiu que anos atrás teria sido muito mais casual a respeito daquele tipo de invasão, permitindo que transcorresse naturalmente e confiando em seus instintos para guiá-lo. Agora estava sentado apontando os dedos literalmente bélicos para a janela. Seu

filho pequeno estava dormindo no quarto ao final do corredor.

Com apenas um ano, Max agora já dormia quase a noite inteira ininterruptamente. Aquilo era um alívio, mas também um inconveniente, afinal, seus papais tinham hábitos noturnos. Mas, por outro lado, o garoto era militarmente pontual, acordando toda manhã às 5h30 com um gritinho alegre que Magnus adorava e temia em igual proporção.

A janela foi aberta. O fogo despertou nas palmas de Magnus, e a magia acendeu na escuridão, azul-safira.

Uma silhueta passou o corpo pela janela, e então congelou. Emoldurado pela abertura, um Caçador de Sombras usando uniforme completo de caça, o arco sobre um dos ombros. Ele pareceu surpreso.

— Hã, oi — disse Alec Lightwood. — Cheguei. Por favor, não atire raios mágicos em mim.

Magnus gesticulou, as luzes azuis das mãos empalidecendo até se apagarem, deixando leves traços de fumaça em torno dos dedos.

— Você normalmente usa a porta.

— Às vezes eu gosto de variar. — Alec terminou de se erguer para dentro e fechou a janela. Magnus o encarou expressivamente. — Tudo bem. A verdade. Um demônio comeu minha chave.

— Nós perdemos tantas chaves. — Magnus se levantou para abraçar o namorado.

— Espere, não. Estou fedendo.

— Não tem nada de errado — declarou Magnus, aninhando a cabeça no pescoço de Alec — com o cheiro do suor depois de uma noite difícil no trabalho e... uau, você está fedendo *mesmo*. O que é isso?

— Isso — falou Alec — é o almíscar do demônio do túnel do metrô.

— Ah, querido. — Magnus beijou o pescoço de Alec mesmo assim. Mas respirou pela boca.

— Espere um pouco, a maior parte está no uniforme — disse Alec.

— Magnus deu um pouco de espaço ao namorado, que começou a se despir: o arco, a aljava, a estela, algumas lâminas serafim, o casaco de couro, as botas, a camisa.

— Deixe-me ajudar com o restante — murmurou Magnus quando Alec terminava de abrir a camisa, e ganhou um sorriso genuíno em retribuição, os olhos azuis acolhedores, sentindo uma onda de amor pulsar pelo seu corpo. Depois de três anos, seus sentimentos por Alec ainda eram mais fortes do que nunca. Mais e mais a cada dia. Era surpreendente.

Alec repuxou a boca, e voltou o olhar para o corredor, para além de Magnus.

— Ele está dormindo — disse Magnus, e beijou o namorado. — Está dormindo há horas. — Então avançou para puxar Alec para o sofá. Com apenas um breve agitar dos dedos, as velas na ponta da mesa se acenderam e a luz das lâmpadas diminuiu.

Alec riu, o som grave no peito.

— Temos uma cama perfeitamente boa, sabe.

— A cama está mais perto do quarto da criança. É mais silencioso aqui — murmurou Magnus. — Além disso, teríamos que expulsar o Presidente Miau da cama.

— Ooh — disse Alec, abaixando a cabeça para beijar a concavidade do pescoço de Magnus, que inclinou a cabeça para trás e se permitiu um leve gemido de satisfação. — Ele *odeia* isso.

— Espere — disse Magnus, recuando. Com um floreio, ele se livrou do roupão, deixando-o cair como uma poça de seda preta em volta dos pés. Por baixo, usava pijama azul-marinho estampado com pequenas âncoras brancas. Alec semicerrou os olhos.

— Bem, eu não sabia que isto iria acontecer, é óbvio — disse Magnus. — Ou teria usado algo mais sexy do que meu pijama de marinheiro fofinho.

— Ah, ele é muito sexy — respondeu Alec, e então os dois se paralisaram, porque um choro súbito cortou o ar. Alec fechou os